

384

# MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL  
NOV. 1943



A elegia  
do outono  
tem  
nestes olhos doces  
e fascinantes  
o seu cântico  
de luz  
doirada



NA LIVRARIA

## A POLÍCIA INGLÊSA EM TEMPO DE GUERRA

por JOHN FISHER

O novo posto de Polícia de Saville Row, em Londres, fora inaugurado há três semanas, apenas, quando as boniças de um avião inimigo o atingiu. Foi em Setembro de 1940. Parte das instalações ficou destruída. Amalgamas de madeira, cimento e ferro! A água das canalizações atingidas encharcaram os montes de destroços transformando-os em lamaçais, aqui e além. Apesar de tudo quem quer que ali passasse e depois do final do alerta, observaria que dois agentes, com seus capacetes de aço e auscultadores telefônicos nos ouvidos, sentados sobre caixotes, continuavam no seu posto, recebendo as comunicações habituais. Uma senhora, entre outras, estava seriamente preocupada com o facto do seu cão, assustado pela explosão de uma bomba, ter fugido pela janela. E o agente prometteu-lhe, pelo telefone, que tudo se faria para encontrar o precioso animal.

Um outro agente, muito atarefado, procurava o que quer que fosse entre os destroços.

— Que procura? — pergunta-lhe alguém.

— Senhor, respondeu o agente: um caso de que me ocupo é julgado depois do meio dia. E, uma das partes do processo deve encontrar-se entre os destroços. É necessário que eu as encontre.

Estes dois episódios sem importância caracterizam a atitude da Polícia inglesa em tempo de guerra e justificam a reputação que ela conquistou em todo o mundo.

Foi à Polícia que cumpriu a instalação de sistema de strênes de Londres, o qual dá o alerta em menos de dois minutos numa superfície de cerca de mil e oitocentos quilômetros quadrados.

No verão de 1940, chegaram à Gran-Bretanha quarenta e seis mil refugiados de todas as nacionalidades: franceses, holandeses, belgas, noruegueses, polacos, etc. Era necessário que alguém se ocupasse deles e encontrar-lhe alojamentos. Quanto à população britânica, ela deveria habitar-se a centenas de regulamentos novos que a Polícia teve de fazer observar. Havia, por exemplo, o «black-out» que, só em Londres, se aplicava a cerca de oito milhões de janelas. Era indispensável organizar o trânsito, em consequência das necessidades militares que obriga-

(Continua na página 29)

## HERPETOL

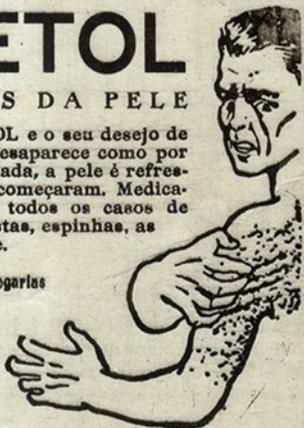
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogasarias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA



composição / Mentolum 8 grs - Methylum Salicylicum 8 grs  
Lanolinum Anhydricum 16 grs



Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1.ª classe  
pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

# REFLEXOS DO MUNDO



Dois soldados do exército da libertação num gesto de fraternidade e camaradagem

## O sorriso de Ronnie

No primeiro ataque aéreo à ilha de Malta foi ferida Ronnie Doublet, de 14 anos.

Ficou sem uma perna, sem o pé e o tornozelo da outra. Apesar de passar alguns anos no hospital, enquanto na ilha outras crianças eram feridas, ou mortas, Ronnie não perdeu o seu sorriso encantador.

Chegou há dias a Londres, sempre a sorrir, essa pequena mutilada de guerra. Sorria mesmo ao ser retirada em braços do comboio.

Foi à capital do Império graças aos cuidados do governador Lord Gort, do chefe dos serviços médicos de Malta, dr. A. V. Barnard e de Lady Dobbie, esposa do antigo governador.



**Lord LOUIS MOUNTBATTEN**, comandante das Fôrças do Sueste do Pacífico que, na outra guerra combateu valorosamente e que nesta tem exercido vários cargos com notável inteligência e decisão. Primo do Rei Jorge VI, é como qualquer outro inglês, um marinheiro ao serviço glorioso da Gran-Bretanha

Interrogada pelos jornalistas, Ronnie foi franca, sem grandes segredos de diplomacia ou de guerra a ocultar.

—«Logo que eu tenha a minha perna curada, e com outra perna e novo pé, voltarei a Malta, para brincar com os meus camaradas».

O sorriso de Ronnie é o espelho de uma alma que não foi mutilada pelos aviões inimigos.

## Cavalaria árabe

Em Tripoli, capital da Líbia, efectuou-se recentemente uma parada deslumbrante, daquelas que estamos habituados a ver passar na tela dos cinemas.

Setecentos cavaleiros árabes, dos mais escolhidos, desfilarão lado a lado, a galope, diante do brigadeiro Lish, que ali estava em nome da Gran-Bretanha. Essa cavalaria representava os 100 mil árabes da região que assim quizeram demonstrar aos ingleses o seu reconhecimento por serem autorizados pela primeira vez, desde há 30 anos, a celebrarem livremente a sua festa nacional.

Nesse dia, mais de 10 mil toneladas de farinha foram distribuídas pelos pobres de Tripoli. A Gran-Bretanha continua a

demonstrar por acções, e não por palavras, que combate pela nobre e justa causa da independência dos povos.

## General e boxeur

O major general Leslie Burdford Nichols, agora condecorado com a Comenda do Império Britânico, não é, apenas, um militar distinto, mas piloto aviador, boxeur, músico, cavaleiro e também político, filiado no partido trabalhista.

E, em tudo isto, o general Nichols não é um simples amador, como cavaleiro ganhou vários prémios; como pugilista foi campeão do exército durante dois anos; como piloto combateu na guerra passada e ainda hoje guia o seu próprio avião.

É também um músico, na intimidade do lar, de apreciáveis qualidades.

Em Tripoli, na campanha do Norte de África, descobriu, expondo a própria vida, o cabo submarino que ligava aquela ci-

dade à ilha de Malta, resolvendo assim o problema das comunicações entre os dois pontos. Actualmente faz parte do Quartel General de Eisenhower.



Um elemento da valente Home Guard, com a sua curiosa camuflagem

MAQUINA DE ESCREVER  
NÃO ERA CONHECIDA  
ATÉ QUE EM 1873

# REMINGTON

CONSTRUIU  
A PRIMEIRA

MÁQUINAS

Comerciais  
Portáteis  
Somar  
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO  
COM PESSOAL ESPECIALIZADO

FICHEIROS  
KARDEX  
E ARQUIVOS

LISBOA

Rua da Misericórdia 20-1.º  
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69-2.º  
TELEFONE 1276



...aqui

# AMÉRICA



## Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
7,45	WRUL	38,4 m.	WRUW	49,6 m.	WKLJ	39,6 m.
8,45	WRUL	38,4 m.	WKLJ	30,7 m.	WKJS	39,6 m.
9,45	WKLJ	30,7 m.	WKTS	39,6 m.	WBOS	48,9 m.
12,45	WKLJ	19,6 m.	WGEO	19,5 m.		
13,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.	WBOS	19,7 m.
14,45	WRUW	25,5 m.	WKLJ	19,6 m.		
17,45 } 18,45 }	WRUS	19,8 m.				
19,45	WGEA	25,3 m.	WRUS	19,8 m.		
20,45 às 21,15	WGEO	19,5 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.			
	WRUS	19,8 m.				
21,45	WRUA	26,9 m.	WRUS	19,8 m.	WKLJ	30,7 m.
22,45 } 23,45 }	WKLJ	30,7 m.				

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19.45 às 20 horas na frequência de 48.43 m., 41:96 m., 31.41 m. e 25.09 m.

**Emissões diárias**

**OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA**

# A CONFERENCIA DE MOSCOVO

O facto predominante da última quinzena é, incontestavelmente a reunião em Moscovo dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Gran-Bretanha, dos Estados Unido. e da U. R. S. S. Os srs. Eden, Cordell Hull e Molotov têm uma tarefa transcendente e apalxonante. A conferência, segundo as indicações da imprensa internacional, têm decorrido numa atmosfera de reciproca compreensão. Muitos problemas passaram já da mesa dos diplomatas para a dos peritos, para ajustamento de pormenores. E' possível que um ou outro fique ainda em suspenso para quando da reunião dos chefes políticos das Nações Unidas. O próprio prolongamento da conferência é, porém, um sinal de bom augúrio.

Trata-se dum acontecimento histórico de suma importância — maior, talvez, pela sua projecção na guerra e na paz, de tudo quanto tem decorrido desde 1939 até hoje.

Um dos assuntos que, certamente, dominam o espirito dos negociadores é o apressamento do conflito. A Europa está moribunda. De toda a parte chegam apêlos urgentes que não deixam dúvidas. A França, a Polónia, a Grécia, para não falar noutras nações, esgotadas, sangradas e de pauperadas, a custo resistem à densa sombra que sobre elas se abate. Os altos diplomatas das Nações Unidas sabem-no e todos os seus esforços convergem, certamente, para encontrar o desideratum necessário. Agora já não se trata de aproveitar o tempo mas de eliminá-lo. A Alemanha que, necessariamente, sente a derrota, pretende pelo contrário retardar



A espada de honra que Sua Magestade o rei Jorge VI de Inglaterra ofereceu à cidade de Estalinegrado

a marcha do conflito, com o intuito de que o inesperado, a divergência, o ocasional favorável, possam surgir para uma paz de compromisso. A Inglaterra, os Estados Unidos, e os outros países, dizem-lhe terminantemente, não!

São tão poderosas as razões do entendimento entre as Nações que se batem ao lado da Gran-Bretanha, que é inevitável. A conferência de Moscovo é a prova disso.

**Vino Rossi**

Usa creme de barbear

## RAPIDE

Por ser o melhor!

## UMA COLEÇÃO POPULAR

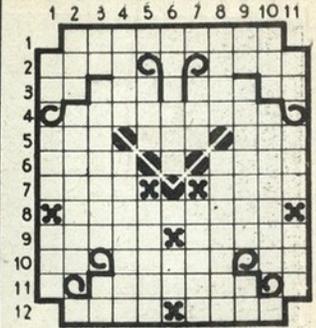
«Biblioteca de Algibeira»

Volumes de 130 a 170 páginas, de pequeno formato, óptima apresentação, cada Esc. 6\$00

### Obras publicadas:

- Carmen, por Prosper Mérimée
- O coronel Chabert, por Balzac
- Uma história vulgar, por Anton Tchekoff — Polikuchka, o enforcado, por Leão Tolstoi — Os crimes da Rua Morgue, por Edgar Poe — O prior de Gours, por Balzac — Servidão de amor, por Máximo Gorki — O caso do general Ople, por George Meredith — O convento, por Pio Baroja — Garass Bulba ou os Cossacos do Don, por Gogol — O club dos suicidas, por Stevenson — Maldição, por Elizabeth Gaskell
- Romeu e Julieta na aldeia, por Gottfried Keller — A viagem de Mozart a Praga, por Eduard Mörike — A ciganita, por Miguel de Cervantes.

À venda em todas as livrarias do país  
**PORTUGÁLIA EDITORA**  
 Avenida da Liberdade, 13-3.º  
 LISBOA



## PROBLEMA N.º 74

### HORIZONTAIS

- 1 — Arte de instruir e educar as crianças.
- 2 — Fruto carnudo mais ou menos esférico; Advérbio de lugar.
- 3 — Caminhar; Vencimento dos soldados; Debaixo de; Carta de jogar.
- 4 — Ajustam-se perfeitamente.
- 5 — Nome do astro que é o centro do nosso sistema planetário; Camareira; Lírio.
- 6 — Íntimos; Terra cultivável.
- 7 — Irmão; Fogueira onde se queimam cadáveres.
- 8 — ESTADO DA EUROPA SETENTRIONAL, QUE SE COMPÕE DE UMA PENÍNSULA, A JUZTELANDIA, E DE VÁRIAS ILH. S. [QUE OS ALEMÃS OCUPAM ATÉ QUE OS ALIADOS OS DESALOJEM.
- 9 — Verbas; Congelação do orvalho.
- 10 — Protexto; Cidade de França, capital do departamento de Costa-de-Oiro; Nesse lugar.
- 11 — REINO DOS PAISES BAIXOS, UM DOS ESTADOS DA EUROPA OCIDENTAL, CUJA RAÍNA — GRANDE ANIMADORA DOS SEUS SOLDADOS — QUE COMBATEM JUNTO DOS ALIADOS — SE ENCONTRA EM INGLATERRA DESDE A OCUPAÇÃO DO SEU PAIS PELAS TROPAS GERMANICAS.
- 12 — Acontecimento; Metal precioso.

### VERTICAIS

- 1 — Nome de uma letra grega; Afirmação; Capa sem mangas.
- 2 — Proposição; Madrinha de um nefito em relação aos pais.
- 3 — Preposição; PRIMEIRO PAÍS QUE SOFREU NESTA GUERRA, O TERRO, DA INVASÃO ALEMÃ E CUJOS SOLDADOS SE BATERAM, E AINDA SE BATEM, HEROICAMENTE. — Existe.
- 4 — Pequena embarcação usada na pesca do bacalhau; Rumores.
- 5 — Interjeição; Abrigo.
- 6 — PAÍS MEDITERRANICO QUE ALCANÇOU A SIMPATIA DE TODO O MUNDO PELA VALENTIA DAS SUAS TROPAS E PELO MUITO QUE SOFREU COM A OCUPAÇÃO NAZI. — Abrigo.
- 7 — Fecha as asas para descer mais depressa; Sem ângulos.
- 8 — Bom (inglês); Adquiri conhecimentos.
- 9 — Prefixo de negação; PAÍS DA EUROPA OCIDENTAL QUE PELA 2.ª VEZ SOFREU OS HORRORES DA INVASÃO ALEMÃ E CUJOS NATURAIS TEM PATRIOTICAMENTE PRÁTICO FREQUENTES ACTOS DE SABOTAGEM QUE MUITO PREJUDICAM A ACCÃO DOS INVASOES NO SEU PAIS. — Viração.
- 10 — Nome de mulher; Definhada.
- 11 — Pertences; Ecoa; Gemidos.



Solução do problema n.º 73



**JOHN CUNNINGHAM** ★

**S**ÃO cinco os Cunningham que têm ilustrado o seu nome e o apelido da sua família nesta guerra: Andrew, John, Alan, Graham e Alexander Cunningham. Os dois primeiros são almirantes de esquadra; o terceiro, Alan, é tenente general; o quarto, Graham, desempenha as mais altas funções nos serviços de abastecimentos relacionados com a condução da luta; e, o último, Alexander, é comodoro da Aeronáutica.

O almirante Sir Andrew Cunningham foi recentemente nomeado Primeiro Lord do Mar e chefe do Estado Maior do Almirantado, a mais alta situação que pode ser atribuída a um oficial da Armada Real, em substituição do almirante Sir Dudley Pound, falecido pouco depois.

Seu primo, o almirante Sir John Cunningham, que goza duma excelente reputação nos meios navais aliados, acaba de receber a sua successão no comando da esquadra do Mediterrâneo, cuja área Oriental já se encontrava confiada à sua autoridade.

Na conflagração de 1914-1918 o almirante Sir John Cunningham serviu durante todo o período das hostilidades, distinguindo-se em várias acções. Tomou parte na campanha dos Dardanelos onde se evidenciou.

Recentemente, desempenhara elevadas funções, dentro e fora do Almirantado, até que lhe foi confiado o comando da esquadra do Mediterrâneo Oriental. No desempenho dessa delicada missão as suas qualidades de militar foram realçadas pela afirmação do seu talento de diplomata pois Sir John Cunningham tem sido chamado, por mais de uma vez, a intervir em negociações delicadas. A sua visita a Ankara pouco depois de haver assumido o comando da esquadra do Mediterrâneo Oriental criou em volta do seu nome uma atmosfera de merecida simpatia.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

# UM ANO DE VITÓRIAS

**A**CABA de passar o primeiro aniversário da batalha de El Alamein. Durante o ano decorrido desde essa data histórica, a causa das Nações Unidas registou uma série de vitórias da maior importância e significado. Embora a decisão da luta não tenha sido alcançada nos campos de batalha, o seu sentido definiu-se de maneira inequívoca. Sob o ponto de vista militar e sob o ponto de vista político, os êxitos conseguidos serviram sobretudo para tornar cada vez mais firme a decisão comum de vencer e de vencer depressa.

A aliança germano-italiana ou, mais propriamente, o eixo Roma-Berlim não existe. Um dos adversários das Nações Unidas, a Itália, começou por abandonar as hostilidades e luta actualmente ao lado dos seus adversários da primeira hora. Não será esta a manifestação mais eloquente da justiça que assiste aos que se batem por princípios de moral internacional e o reconhecimento mais expressivo da ideia superior de que os Aliados não são animados no combate que travam por quaisquer ideias preconcebidas de represália?

A Itália, fora da guerra, é o facto predominante no período dum ano decorrido desde que o 8.º Exército atacou em Alamein. Durante esse ano, as armas da Gran-Bretanha e dos Estados Unidos percorreram vitoriosamente o caminho que separa a linha do Tibre, a distância que vai de Alexandria a Roma, Alamein, Tobruk, Benghazi, Tripoli, Bizerta, Tunis, foram as etapas inextinguíveis duma caminhada gloriosa. No dia em que os últimos soldados italianos se renderam a guerra tinha dado um grande passo. A causa das Nações Unidas entrara, definitivamente, no caminho das realizações vitoriosas.

Terminada a batalha da Tunísia, as forças de Montgomery ocuparam sucessivamente a Pantelaria e a Sicília, e desembarcaram na península italiana ocupando a Calábria. Enquanto estas operações se desenrolavam, os anglo-americanos desembarcavam no dia 8 de Novembro em 1942 e no dia 8 de Setembro de 1943 em Salerno. As acções conjugadas, tanto em África como na Itália, revelaram-se decisivas. As batalhas de retardamento conduzidas em cada um desses pontos não ofereciam dúvidas quanto ao seu resultado.

Ao mesmo tempo que conduziam no solo africano e no solo italiano uma campanha particularmente dura, os anglo-americanos dominavam a ameaça submarina no Atlântico e no Ártico e intensificavam, em proporções que mal poderiam prevêr-se há um ano, os ataques aéreos ao território inimigo. Foi no ano que acaba de decorrer que a Gran-Bretanha e os Estados Unidos conquistaram definitivamente uma supremacia aérea completa nos vários teatros de operações e o predomínio absoluto no mar. A entrada da esquadra italiana em La Valleta levando à frente dois veteranos da Royal Navy, o «Warspite» e o «Valiant» é o símbolo dessa realidade.

Aumentando os seus recursos económicos, melhorando o seu sistema de comunicações, completando a organização dos seus exércitos, dando um incremento extraordinário à sua aviação, alcançando o predomínio incontestado nos mares de todo o mundo, os dois países da língua inglesa construíram, num ano de vitórias ininterruptas, os alicerces indestrutíveis em que assentará a sua vitória.

O OBSERVADOR

## A «sombra branca»

*Uniformes estrangeiros projectam a sua sombra sobre o limiar sagrado da cidade católica, onde a «voz» de Pio XII, a voz da eternidade, que tão alto se ergueu condenando as perseguições religiosas e os direitos imprescritíveis da consciência humana, se calou sob o império transitório da força. O farol do cristianismo está hoje, sacrilegamente, imerso em sombras, em frente duma cidade ocupada, esmagada.*

*No entanto, no trono de São Pedro, a «sombra branca» reza e medita. O espirito é inviolável, invulnerável! Para lá das estrélas, o Sumo Pontífice vê a sentença de Deus! O mundo será salvo! As forças espirituais como que encontraram ante essa profanação, outros alento e a certeza de que a sua verdade triunfará. Rezam por Pio XII os católicos de todo o globo. Mas não basta.*

*E' preciso condenar o sofrimento que lhe foi imposto que será, afinal, o castigo dos que lho impuseram.*

## O acender das luzes

As luzes de Malta voltaram a brilhar. Há alguma coisa de simbólico, nesse despedaçar das trevas. A vida renasce depois da vitória. O povo heróico que, no meio do Mediterrâneo, soube manter bem alto as côres da sua bandeira, pode, agora, ver o caminho percorrido. A história do povo de Malta tem um novo capítulo de heroísmo, o mais belo de toda a sua existência. No meio do planeta em fogo, esse pequeno ponto nevrálgico, milhares de vezes bombardeado, soube resistir e vencer. Não foram, apenas, heróis, os soldados que o defenderam, os marinheiros que ali conduziram «comboios», nem os admiráveis pilotos dos três únicos aviões, denominados *Fé, Caridade e Esperança* que, no princípio da guerra repeliram os ataques do inimigo — mas também o bom povo de Malta, homens, mulheres e crianças, cuja alma varonil, temperada no fogo de tantos combates, forjou o aço do seu escudo invencível. Muitas vezes, no auge dos bombardeamentos, um padre passeava pelas ruas de La Valeta, lendo o breviário. A metralha fustigava-lhe as vestes, mas o seu espirito, como o dos valerosos malteses, estava lá no alto, entre os cavaleiros da R. A. F. — senhores do céu, mesmo quando eram tão poucos contra tantos!

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**  
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade do Mundo Gráfico, L<sup>da</sup>

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Está aberto o caminho para Roma. Salerno, Nápoles, Cápua e Volturno caíram sucessivamente nas mãos do Exército anglo-americano, que derrotou as tropas alemãs. O general Clark, comandante do 5.º Exército, que tom tido papel preponderante nas operações, atravessando uma das ruas de Nápoles

## A MARCHA SÔBRE ROMA

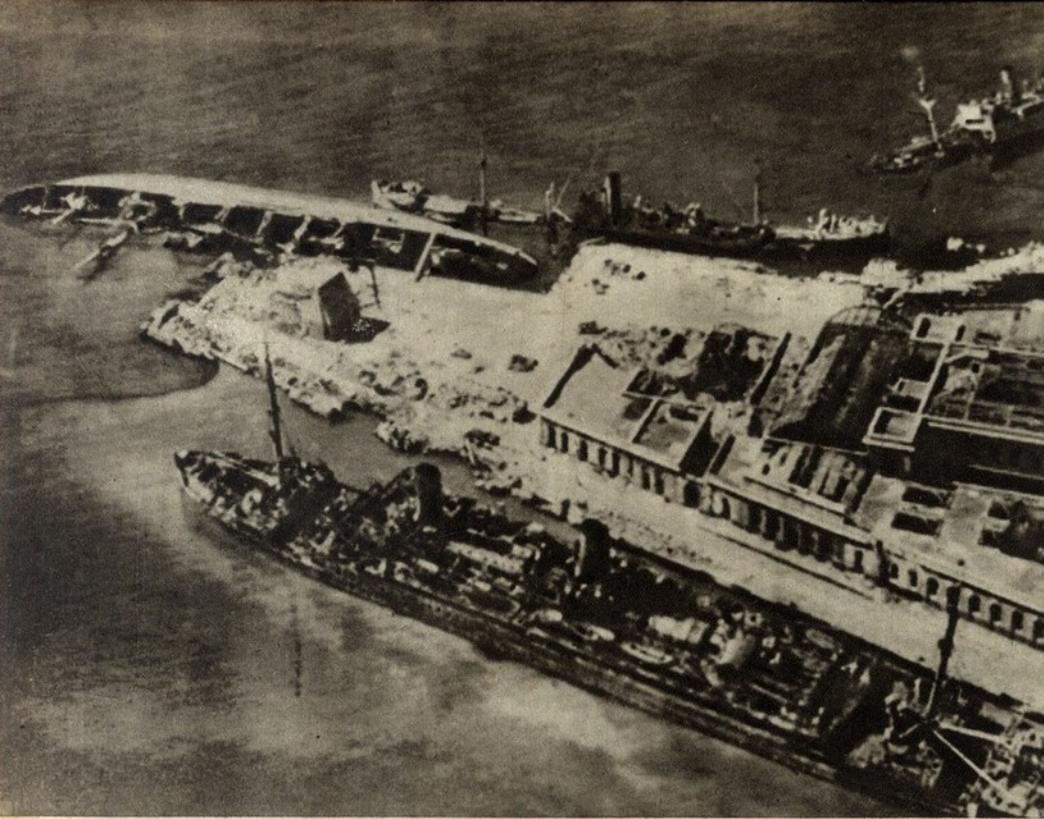
O caminho de Roma, a Cidade Eterna, foi aberto pelos exércitos gloriosos de Clark e de Montgomery, operando em perfeita fraternidade de armas. A marcha sôbre Roma é um título de glória para as armas das Nações Unidas. Para avaliar bem a sua importância e a sua significação, é preciso não esquecer as condições em que ela se iniciou e prosseguiu.

Três batalhas sucessivas — Salerno, Nápoles e Volturno — conduziram, ao fim de mês e meio de luta em Itália, a um resultado decisivo. Com as tropas de terra do 8.º Exército britânico e do 5.º Exército americano colaboraram estreitamente, na realização desse objectivo, as forças da marinha anglo-americana e da aviação dos dois países.

O primeiro desembarque aliado na península italiana teve lugar no dia 3 de Setembro. Os primeiros contingentes do 8.º Exército atravessaram o estreito de Messina e penetraram na Calábria. No mesmo dia os representantes do general Eisenhower e do marechal Badóglgio assi-



Prisioneiros alemães que marcham para um campo de concentração, conduzidos por um bravo «tommie»



Uma visão do porto de Nápoles. As bombas da R. A. F. e das Fortalezas Voadoras realizaram admiravelmente a destruição dos navios inimigos

navam, em Siracusa, o armistício que punha termo à participação da Itália na guerra ao lado de Reich.

Cinco dias depois, na altura em que foi revelada a existência do armistício de Siracusa, o 5.º Exército americano desembarcou em Salerno. A batalha, que ficará na história do actual conflito com este nome, travada entre os anglo-americanos e os alemães de Kesselring foi uma das mais importantes e férteis em consequências, desde que se iniciaram as hostilidades.

Se os contingentes desembarcados tivessem sido lançados ao mar, os órgãos de imprensa do adversário não deixariam certamente de concluir que a fortaleza europeia era invulnerável. Não era apenas o prestígio dos dois contendores que se encontrava em jogo, era a necessidade de constituir, na península italiana, uma frente de batalha capaz de corresponder às necessidades estratégicas das Nações Unidas.

(Continua na pág. 29)



A conquista de Nápoles pode considerar-se decisiva na campanha da libertação da Itália. Os napolitanos, que se bateram contra os alemães durante a ocupação da cidade, receberam com entusiasmo as forças anglo-americanas



Foram estes os primeiros soldados ingleses que entraram em Nápoles. A Infantaria de El-Alamein, que a epopéia do deserto aureolou de glória, passa o Volturno e caminha, agora, em plena estrada romana



A Itália, resgatando-se dos erros do fascismo, combate agora ao lado das Nações Unidas. Um episódio da luta em Castellamare



Não são garrafas de «Chianti» mas granadas que os alemães abandonaram na sua retirada para o Norte

# A ITÁLIA CONTRA A ALEMANHA

Os alemães, ao abandonarem Nápoles, depois do sofrimento cruciante da população, destruíram numerosos edifícios sem interesse militar e os cais de desembarque, mas para o Exército anglo-americano não há dificuldades. Os combóios chegam, àquela cidade e as tropas desembarcam acolhidas deitramente pela população



Uma pitoresca cena de rua. Um soldado do 8.º Exército que parte para a frente e a pequena italiana curiosa. Dois amigos numa pausa do caminho

Como combatem os valentes canadenses, na primeira linha, a dois passos do inimigo, que é obrigado a retirar sempre →



O povo italiano queima nas praças os últimos vestígios da dominação nazi





A multidão aglomera-se para ouvir os concertos do maestro português

Miss Collins, com o nosso ilustre compatriota, dirigindo-se para o Royal Albert Hall

grande «conductor» é suficiente e justamente admirada entre nós. E como a fama dos seus excepcionais méritos artísticos, não podia ficar apenas entre os seus muitos admiradores portugueses, daí a circunstância honrosa para o maestro e, também, para nós, do convite que recebeu.

Pedro de Freitas Branco, regeu concertos da British National Symphony Orchestra, no Royal Albert Hall, de Londres; e na opinião autorizada dos críticos londrinos, a sua personalidade artística foi posta em elevado conceito quando dirigiu o concerto há pouco transmitido pela B. B. C., de Londres.

O ilustre maestro teve em todos os con-

certos que dirigiu um êxito invulgar, mesmo na própria Inglaterra, onde são notáveis os dirigentes de orquestra.

O grande Sargent, manifestou ao nosso compatriota as mais cativantes provas de admiração. Em sua companhia Pedro de Freitas Branco percorreu, além de Londres, outras cidades como Manchester, Bedford, etc.

No momento em que, mais uma vez, Portugal revela a sua simpatia pela nossa secular Aliada, esta manifestação superior é como que um estreitamento ainda mais forte — pois nada existe tão útil e belo para a aproximação dos povos como o entendimento do espírito divulgado pela Arte.

O maestro Pedro de Freitas Branco dirigindo a National Symphony Orchestra, no Royal Albert Hall, durante um ensaio

## UM MAESTRO PORTUGUÊS EM LONDRES

A música constitui em Inglaterra uma das mais apreciadas e desenvolvidas manifestações de Arte. Vem de longe esse culto dos ingleses; para prová-lo bastaria a citação in-comportável de numerosos e geniais compositores e regentes britânicos.

Ainda não há muito esteve entre nós o Dr. Malcolm Sargent, regendo alguns concertos sinfónicos que maravilharam o nosso público pela pureza da sua condução.

Actualmente está em Londres onde foi a convite do British Council, o maestro português Pedro de Freitas Branco, cuja obra de



Manhã em Londres. O maestro sai do seu hotel, acompanhado por miss Hern Collins, dos serviços do British Council



O sr. duque de Palmela, nosso embaixador em Londres, e outras personalidades felicitam o maestro Freitas Branco, num intervalo do concerto

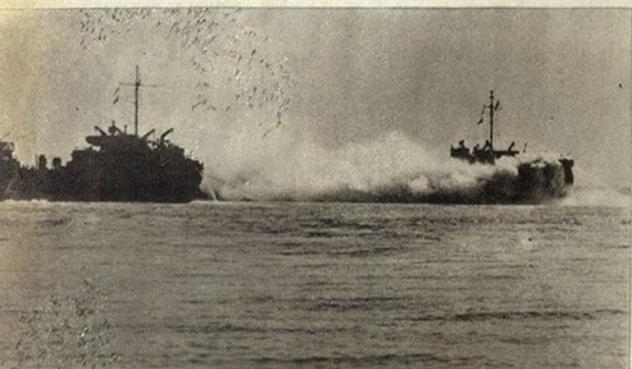


Durante um ensaio. A batuta de Freitas Branco ergue-se para as grandes sinfonias

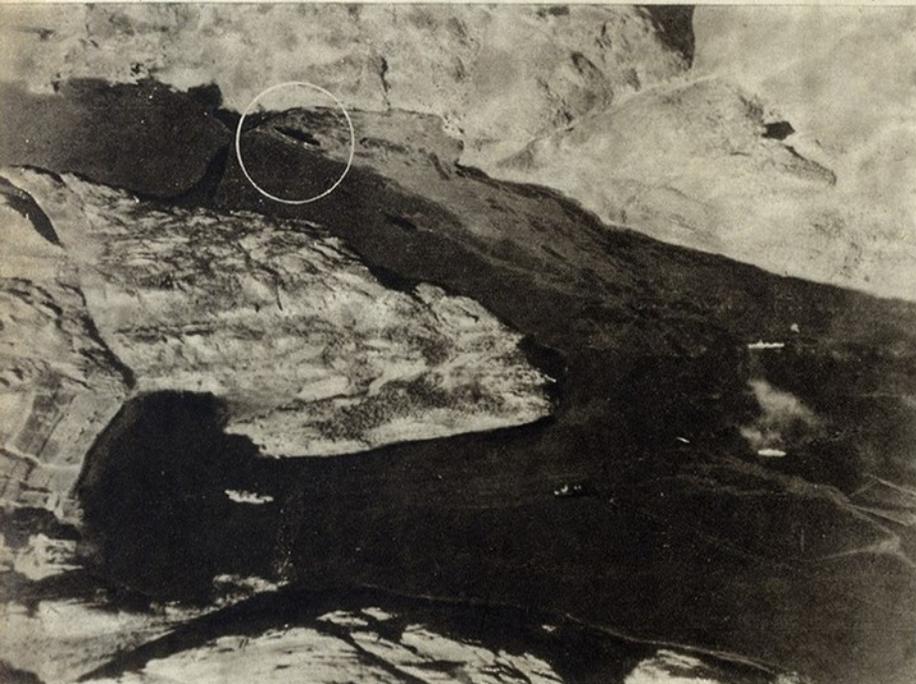
# O "TIRPITZ" GRAVEMENTE ATINGIDO



Tropas yankees chegam a Nápoles, a grande base do Exército anglo-americano, que já marcha pelas "stradas romanas, para libertar a população da capital



Graças à Royal Navy, as tropas inglesas têm desembarcado onde querem, e assim sucederá quando chegar a hora de estabelecer a segunda frente. Uma operação de ocultamento de unidades de guerra, durante a conquista de Salerno



O couraçado alemão "Tirpitz", depois do afundamento do "Graf Spee", e do "Bismark", é um dos dois navios de linha que restam à Alemanha. Numa façanha audaciosa, vários micro-submarinos ingleses atacaram-no num fiord da Noruega e, a despeito das minas fundeadas e das redes protectoras, avariaram-no gravemente. Por esta fotografia pode ver-se o referido couraçado depois do temerário ataque, envolto num lençol de óleo, que se estendeu por mais de duas milhas



O submarino inglês "Safari", que já afundou cerca de quarenta navios inimigos, no Mediterrâneo, além de outras notáveis acções de guerra



À medida que os submarinos alemães desaparecem no fundo do mar, as suas tripulações vão sendo internadas nos campos de concentração em Inglaterra

# VITORIA DE MALTA



Eis a primeira testa de ponte sôbre o rio Voltorno. A infantaria inglêsa, num arranco admirável, desalojou o inimigo de posições que êle julgava inconquistáveis. Agora, os soldados britânicos, batidos pelo sol da glória, que os tem acompanhado desde El Alamein marcham para o Norte, resgatando a Itália



Nápoles. A alegria do povo, quando entraram as tropas anglo-americanas. As bandeiras da Inglaterra e dos Estados Unidos são levadas em triunfo, assim como os seus soldados



O Rei de Itália em Trani, depois da declaração de guerra à Alemanha

Os alemães, durante a sua estada em Nápoles, cortaram a água. Deram-se cenas impressionantes, como esta, colhida em flagrante por um fotógrafo italiano

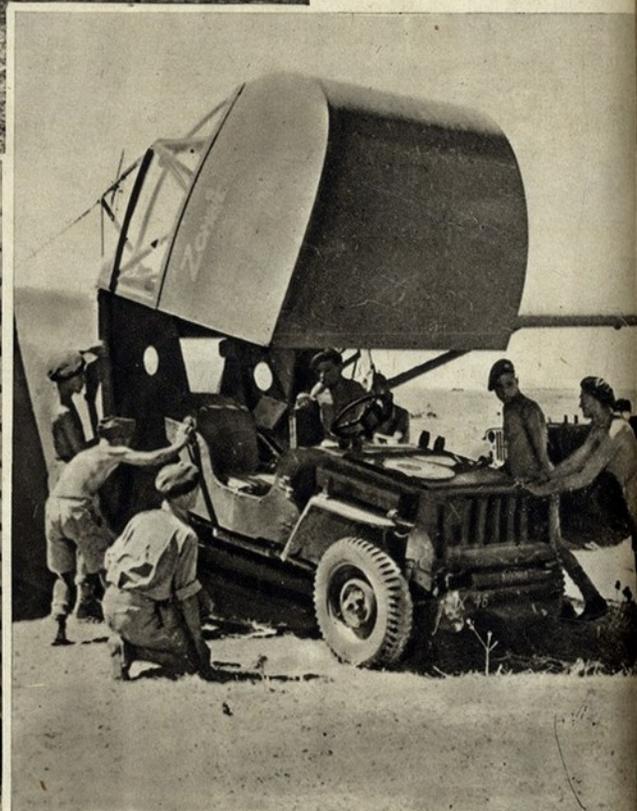
# ONDE DESCERÃO ÊLES?



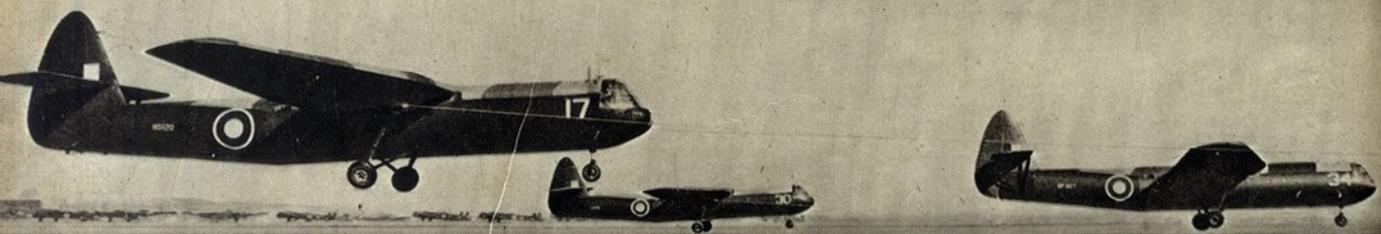
Este grande Exército de paraquedistas de um género que Wells não imaginou é, agora, um dos mais gigantescos da Inglaterra. Foi-lhe confiado um papel cuja acção iminente será decisiva para o aniquilamento da Alemanha



No interior de um dos planadores ingleses. Os homens são todos assim: sorridentes e destemidos. As suas façanhas em breve empolgarão o mundo



Pelo ar, transporta-se tudo. A bordo de gigantescos planadores, tanto podem seguir automóveis como tanks com as guarnições completas

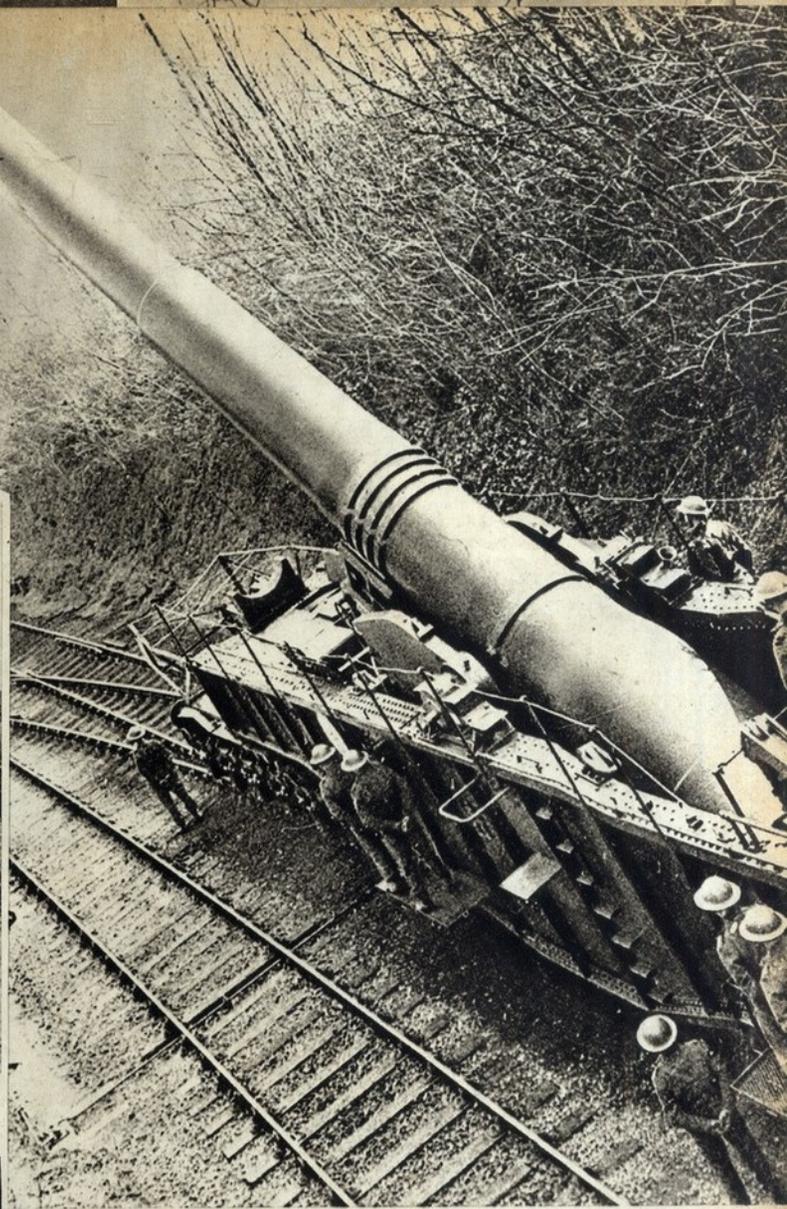


A invasão pelo ar. A frota dos transportadores é constituída por estas gigantescas naves que, na hora "H", cairão verticalmente sobre o inimigo, desencadeando o ataque supremo

# FOGO SÔBRE O INIMIGO



Este anel de canhões envolve tôda a Inglaterra. São os famosos "howitzers", numa formidável linha pela qual a Grã-Bretanha invencível fala aos seus inimigos



Um canhão monstro, montado sobre rails. Pode considerar-se um dos mais potentes do mundo. Do interior da Gran-Bretanha, bombardeia a França ocupada



Outro tipo de peças. A artilharia de montanha, para os terrenos mais acidentados. O material é magnífico e os artilheiros ingleses famosos pela sua pontaria



Fogo! E as defesas inimigas desmoronam-se sob toneladas de metralha



O caminho da retirada alemã na Itália, forçada pelo ímpeto decisivo dos anglo-americanos, é assinalado pelo abandono de material de guerra de todos os tipos. Este canhão anti-tank foi certamente destruído pela artilharia inglesa



As tropas do general Clark vão tomar posições. Os valentes "cow-boys", do oeste americano conhecem, como ninguém, a guerra de montanhas e têm mostrado a sua perícia e a sua audácia nas vertentes dos Apeninos



Em pleno combate. O inimigo está a poucos metros desta janela, do outro lado, mesmo em frente, mas o valente "Tommie" não se importa com o seu número. Da sua metralhadora sai uma rajada fulminante que o dizima, abrindo caminho à sua unidade

# O EXÉRCITO DA LIBERTIÇÃO



Os alemães haviam-se entrenchado fortemente em Buttipaglia, mas "Mustangs", deixando cair as suas bombas, volatilizaram toda a resistência. Nem os homens nem as paredes, de grosso cimento, resistiram ao terrível bombardeamento



O Voltorno já foi transposto e as barcas do Exército inglês ao regressarem à margem donde partiu o seu admirável ataque, voltam com prisioneiros



As tropas britânicas em acção. Para lá do muro há um rio que foi trasposto por estes soldados que surpreenderam o inimigo, derrotando-o



Nalgumas partes a luta foi renhida. Em Camerelle, perto de Salerno, várias ruas foram conquistadas de casa para casa. Os ingleses, nesta barricada, dominaram o enfiamento de uma artéria, expulsando o inimigo da cidade



O 5.º Exército entra em Nápoles. É uma rua qualquer, uma rua pobre, com todo o pitoresco da formosa cidade italiana. Ao longe, ainda se ouvem tiros, e os civis que lutaram de armas na mão contra os nazis, confraternizam, agora, com os libertadores

# PICADORES NÃO!



*O touro, na sua força brutal, colhe o cavalo pelo ventre e obriga o picador a cair dentro da trincheira*

**TEM-SE** escrito, e com razão, que se não devem lidar touros desembolados sem antes os picar, e também que os touros não devem ser tão pequenos que tirem interêsse ao espectáculo.

A isto tudo se poderá responder, recordando que em Portugal sempre se lidaram os touros embolados, e assim podem ser grandes sem terem de ser picados e sem maior risco para os toureiros. E, se em Espanha, onde existe

a finalidade da morte do touro, se confessa não haver argumento que justifique a barbaridade do sofrimento do cavalo, como o havemos de justificar em Portugal, onde não há tal finalidade?

A tourada portuguesa tem como principal e mais nacional elemento o cavaleiro, e também o forcado castiço. Um e outro carecem do touro embolado, porque os cavalos merecem ser pou-

*(Continuação na página 29)*



*Uma colhida aparatosa. A montada, ensarilhada nas hastes do bicho, é derrubada facilmente*



*O cornúpeto investiu com os quartos trazeiros do cavalo, possivelmente fracturando-lhe as pernas*

*Pobre equidíio! Escanzelado, sem forças, só procura fugir. O touro é mais forte*

# AO SERVIÇO DA PÁTRIA



**Casamento de guerra.** Um lindo soldadinho americano, miss Elisabeth Elliott, conorciou-se com o sargento Wallace Best, das forças aéreas dos Estados Unidos. Entre dois sorrisos, um bombardeamento ao Ruhr



**O grande marechal.** Smuts, uma das mais nobres figuras militares do Império, que pronunciou, agora, em Londres, um notável discurso, acompanhado de seu filho, o capitão John Smuts



**Elegância e nobreza.** A duquesa de Kent, entrando na catedral de S. Paulo, para assistir a uma cerimônia religiosa consagrada à Grécia heroica



**Exército do ar.** Das tropas paraquedistas inglesas fazem parte numerosas unidades dos exércitos das nações unidas. Um batalhão de choque belga desfilando em Londres no dia da celebração nacional do seu País



Um «ballet» em que as formas, na sua plasticidade, exprimem a vertigem do espaço

de côr, as imagens fantásticas com que traduziu a «Tocata e Fuga», só porque queria dar a abstracção do mundo real na música pura, poderia ter-nos apresentado figuras humanas, movendo-se como imponderáveis visões em ambientes policromos e conseguiria obter a mesma emoção.

É verdade que o bailado não deveria sugerir, então, o que quer que fôsse de concreto, de humano, mas traduzir, simplesmente, ritmo por movimento e som por côr — movimento das figuras e côr do ambiente.

Assim, o bailado é, por excelência, a plasticisação ideal da música, quer ela seja pura abstracção de arte, quer traduza um pensamento, um conceito, uma idéia, uma história.

O bailado encontrou em Francis, entre os modernos bailarinos portugueses, o seu melhor intérprete. O grupo do «Verde Gaio» é, incontestavelmente, uma notável manifestação de Arte, a mais séria, a que melhor traduz o nosso folclore na magnífica estilização das figuras coreográficas.

As figuras têm a graça e a delicadeza de grandes asas brancas se não o ritmo das ondas que se desfazem em espuma

# O Bailado da Nerve

A música é som, é côr, é movimento. Lembra-se daquela maravilhosa «Fantasia» do genial Walt Disney?

Mesmo quando a obra musical não tem um motivo real e humano — concreto — de inspiração, um fenómeno vivo da natureza — quando é música pura — ela é, ainda e sempre, som e ritmo materializáveis em côr e movimento.

A «Tocata e Fuga», de Bach, que Disney apresentou pela batuta mágica de Stokowsky, materializada na policromia sinusoidal de ondulação oceânica, é exemplo inconfundível da teoria das côres e do movimento, interpretando visualmente o som. Mas Disney, quando desenhou, em apoteose



No camarim, as figuras já têm alma e cada uma é um símbolo ou uma notação de valores musicais

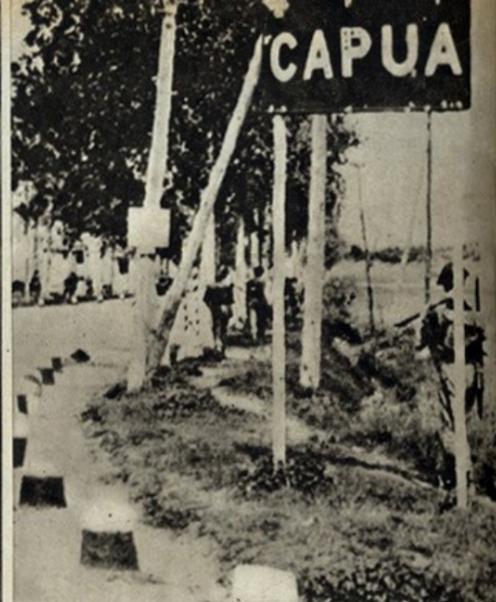


O exercício de barras, sem o qual nenhuma bailarina pode sonhar o destino glorioso de Isadora Duncan

Numa noite de encantamento musical, o luar deixa cair estas flôres de pétalas maravilhosas



As três graças, num grupo admirável de beleza, que lembram um quadro célebre de Sargent



Capua, e para além dela. Os alemães deixam muitos disticos, mas a vitória pertence às tropas de Eisenhower

# A PASSAGEM DO VOLTURNO

Por toda a parte os alemães abandonam centenas de toneladas de material de guerra. Encostados às casas, vêem-se dois canhões nazis de grande alcance

Os aviões ingleses "Mustang" são o pesadelo dos alemães. Eis como eles destruíram uma fábrica em Battapaglia, onde os nazis se tinham entrincheirado



Os destroços da retirada alemã na Itália. Todos estes aviões nazis e a estrutura metálica do hangar foram fulminados pela heroica aviação britânica

O Volturno foi transposto! Não há cursos de água nem barreiras que possam deter o Exército anglo-americano no seu impetuoso avanço para Roma. As defesas de cimento alemãs contra carros, que se encontram na margem do rio, são rapidamente removidas

Oficiais alemães chegam à Inglaterra

# FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente da República condecorando o estandarte da Sociedade de Tiro n.º 2, que comemorou o seu 50.º aniversário



A recepção aos estudantes espanhóis, que vieram de Toledo a Lisboa pelo Tejo, no Palácio da Independência, pela Mocidade Portuguesa

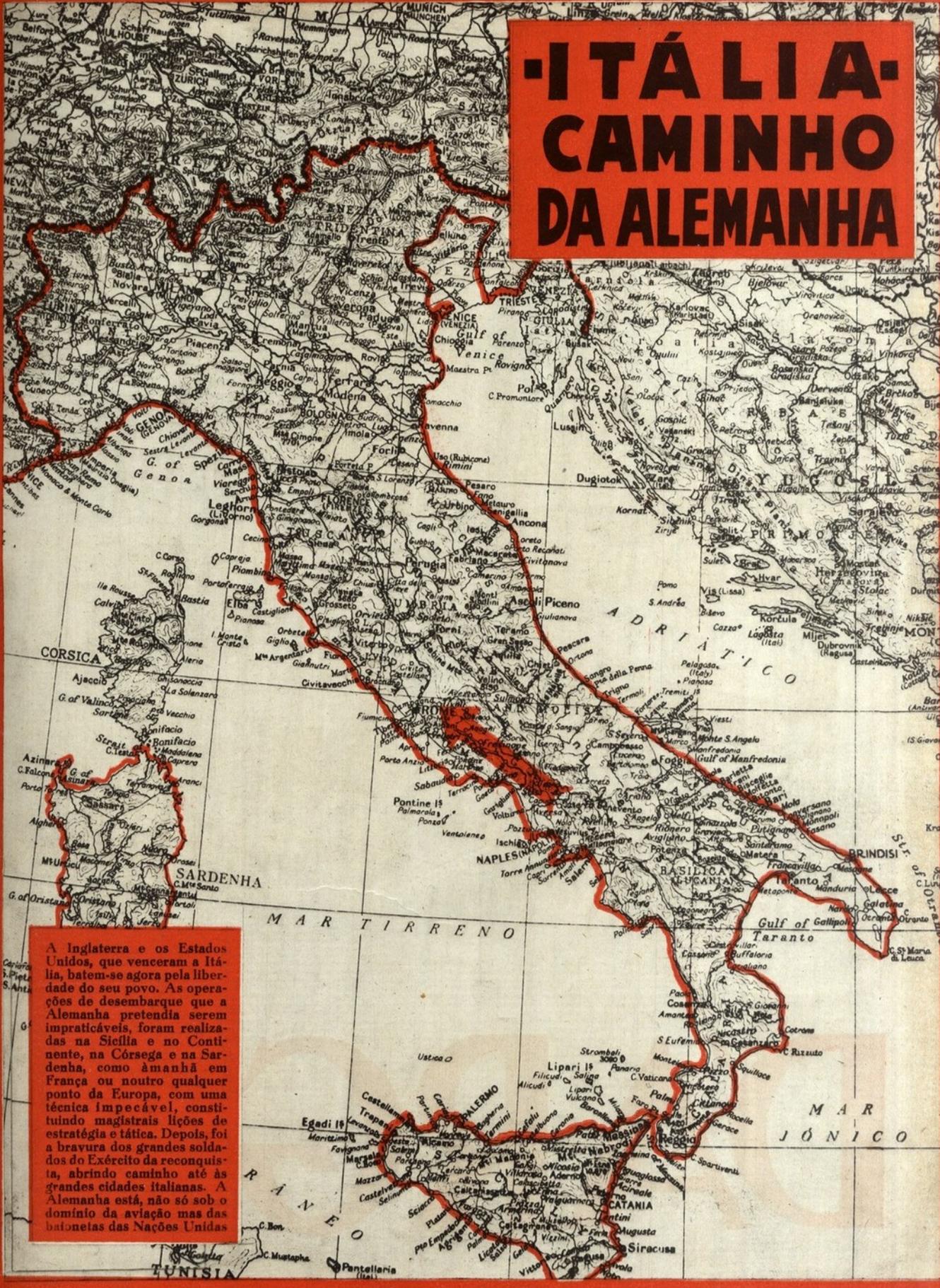


O sr. Ministro do Interior no acto da posse do novo governador civil de Portalegre

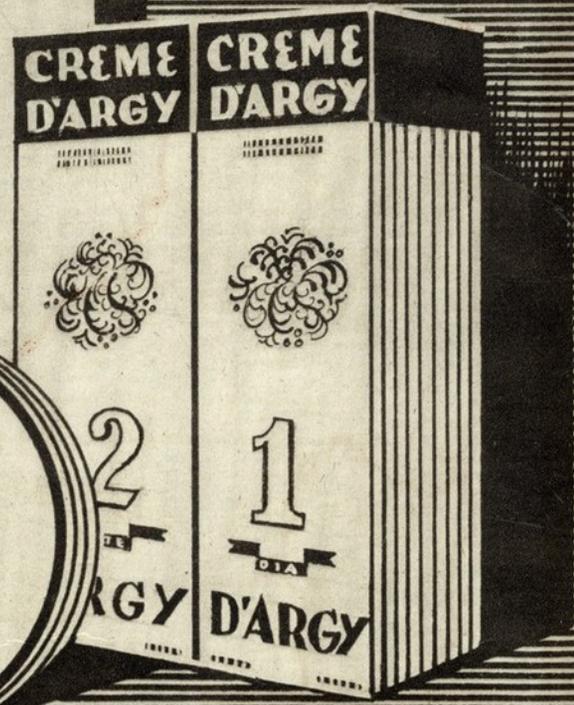


O sr. Subsecretário de Estado das Corporações inaugurando a dos Pescadores Cantina

# ITÁLIA-CAMINHO DA ALEMANHA



A Inglaterra e os Estados Unidos, que venceram a Itália, batem-se agora pela liberdade do seu povo. As operações de desembarque que a Alemanha pretendia serem impraticáveis, foram realizadas na Sicília e no Continente, na Córsega e na Sardenha, como amanhã em França ou noutro qualquer ponto da Europa, com uma técnica impecável, constituindo magistrais lições de estratégia e tática. Depois, foi a bravura dos grandes soldados do Exército da reconquista, abrindo caminho até às grandes cidades italianas. A Alemanha está, não só sob o domínio da aviação mas das baionetas das Nações Unidas



# D'ARGY

CREME DE BELEZA VITAMINADO, PÓ DE ARROZ E ROUGE

# ONTEM E HOJE

## Um livro de cinema

**M**OTA DA COSTA, espírito da nossa época, escritor que bem conhece todos os assuntos relacionados com o cinema, publicou um curioso tomo sobre a « sétima arte », a que deu o título de « O cinema em Inglaterra » (suas origens e evolução). Neste pequeno livro (pequeno sem que, no entanto, seja vulgar, pois quanto a nós os livros não são grandes pelo número de folhas que contém) nesse folheto, dizíamos, Mota da Costa expõe numa prosa intuitiva e clara todos os problemas que se prendem com a arte animada da tela: desde o seu aparecimento, há quarenta e oito anos, em Inglaterra, até às últimas manifestações e inovações que lhes foram imprimidas por esse grande artista, o saudável Leslie Howard, a cuja memória o autor dedica o seu valioso trabalho.

## Sonatina outonal

Presta-se sempre o Outono a expressões de arte mais ou menos dolorosas. É que o homem por mais positivo que pretenda ser não assiste sem um frémito de comoção ao espectáculo impressionante das folhas caídas e da tenüidade das côres que suavizam os crepúsculos.

Há no Outono, como igualmente existe na própria alma humana, uma voz a relembra o caminho andado, tantas vezes em vão. Depois, quem mal se lembra das visões estonteantes incendiadas pelo sol do Estio, talvez vislumbre nas decorações elegíacas do Outono as imagens serenas e contemplativas das suas próprias esperanças malogradas.

## «ITINERÁRIO ESTÉTICO»

**N**ÃO há entre nós muitos exemplos semelhantes a este: isto é, um grande pintor ser, simultaneamente, escritor admirável.

Mestre Varela Aldemira, cuja obra de artista plástico avulta entre as maiores, realiza esse designio de arte. O seu último livro agora publicado « Itinerário estético », justifica a simplicidade do juízo exposto. Nesta sua obra, que é um roteiro maravilhoso através do qual se vislumbra mundos de beleza, criados pelo génio do homem, o escritor não esqueceu a graça de certos tons suaves tão de agrado do pintor — como sejam a verdade descritiva do raconto, a referência crítica, o comentário ajustado, que se conjugam harmoniosamente no sentido persecutador e na aparente simplicidade descritiva.

Não se entenda, porém, que o Prof. Varela Aldemira, podendo fazê-lo, dados os seus profundos conhecimentos de arte, escreveu um livro pesado, pretensamente erudito, plerórico de sabença e de citações alheias. Nada disso. Escreveu, sim, uma obra que, embora a sua leitura nos deixe preciosas noções de arte, encanta num crescendo de interesse espiritual. O autor julgou, e muito bem, que publicar um volumoso tomo e acumular nele empasturantes citações de obras e de autores, não corresponderia de modo algum à fácil acessibilidade do leitor estudioso. Poderia talvez o facto ser do agrado de meia dúzia de caturrentos bestunos mais ou menos enopados de arcaísmos, mas não satisfaria o espírito do seu autor.

Uma nota impressiva, um comentário crítico oportuno, são, cremos, mais úteis do que longas exposições a parecerem sapientes. Nem é essa a modalidade mais clara de um escritor. Ainda a forma mais intuitiva de um comentador de mérito se ocupar, sem demerrecer, de obras-primas e de homens de génio, é pôr encanto na verdade simples de contar. É essa virtude revela-a Varela Aldemira. Que enorme soma de ensinamentos a obra a que, tão liseiramente, nos estamos a referir, encerra. E quantos — mesmo aqueles que se julgam enopados de conceitos de estética — terão a aprender neste admirável livro de mais de trezentas páginas que o Pintor ilustrou com o seu inconfundível lápis e o escritor tornou cativante e breve pelo enlévo que pôs na sua perfeita expressão literária.



## Modos simples e maneiras complicadas

**A** literatura obedece quasi sempre a rótulos exteriores, classificativos, conforme a época — dizia-nos alguém.

Concordámos, como não podíamos deixar de o fazer.

E o nosso interlocutor elucidou-nos: — Houve a moda das tranças loiras das Elviras, das boninas do campo, do luar de prata e de outras insignificâncias enjoativas...

— Isso, felizmente, desapareceu — arriscámos.

— Pois sim, já se não usa, — retorque-nos a pessoa em questão. O pior é que pretendem fazer carreira outras «scies» pretensiosas, menos simples — mais charadísticas.

— ?!...

— Já você notou que hoje há modas mais enfáticas? Não existe por aí móço de letras que não empregue a *fort* e à *travers*, as mensagens, os climas, a arte de circunstância, a poesia de substância e outras etiquetas confusas como charadas.

Calámo-nos. De facto, não abrangamos aquilo. Uma luzinha, porém, acorreu em nosso auxílio e esclareceu-nos o débil entendimento, e concluímos:

— Olhe, achámos: A tal poesia de substância não terá relação com as funções digestivas?... Não terá qualquer coisa de comum com o arroz de substância cujo delicioso sabor Fialho um dia exaltou num artigo sobre a arte de Vatel?...

## Porque são caros?

Informou-nos há pouco um editor: — Os livros que mais se vendem são os de preço elevado.

Que representará o facto?

Querá ele justificar que só às pessoas possuidoras de fartos cabedais está reservado o direito de adquirirem bons livros?

## De primeira...

O público não ignora os nomes das nossas grandes atrizes. Por isso nos dispensamos de os citar. O povo conhece-as e sabe distingui-las e elegê-las no seu culto admirativo.

Há, porém, habituais atribuições feitas nas gazetas que, porventura, podem estabelecer dúvidas no espírito de pessoas menos precavidas. As quais atribuições, ou referências, são desta ordem: Se vem a propósito aludir a qualquer grande artista, que, de facto o é, o articulista escreve, invariavelmente, «a nossa primeira atriz». Mas se esta ou aquela, também grandes comediantes estão em causa, a mesma frase se repete: «a nossa primeira atriz...»

Em face do imutável juízo o público interroga: — se todas são primeiras atrizes qual será, de facto, a primeira?

E o leitor ficará, possivelmente, na dúvida acerca de tão favorecedora opinião.

A nós, no entanto, parece-nos fácil de explicar a atribuição de primeira categoria artística: É que se um crítico considerasse qualquer atriz de segunda ordem, sabe-se lá o que poderia acontecer num país em que toda a gente, comediante ou não, se julga sempre de primeira ordem!

Augusto Ricardo

## VERSOS de Manuel Laranjeira

Dingüem por certo adivinha  
como essa desconhecida,  
entre estes braços prendida,  
jurava ser tôda minha...

Minha sempre! — É em voz baixinha:  
— «Gua ainda além da vida!...»  
Hoje fila-me, esquecida  
do grande amor que me tinha.

Jurámos ser imortal  
êsse amor estranho e louco...  
e o grande amor, afinal,

(com que desprezo me lembro!)  
foi morrendo pouco a pouco,  
— como uma tarde em Setembro...



Um operário português na América

# PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



O casaco mole-estação

## Primeiros frios

A MODA não se preocupa, hoje, com fantasias — adapta-se ao momento que passa. E, dentro do modernismo, escolhe a faceta da simplicidade.

Os mestres da alta-costura devem levar a arte do corte à perfeição, pois é na linha que a elegância de hoje reside.

Como triunfador da meia estação temos o *tailleur*, que tanto pode ser clássico como apresentar um pouco de fantasia no *empiècement* liso que não passa dum corte espontado e na forma variada de meter as algibeiras. O comprimento do casaco será por metade da mão, estando o braço estendido. A saia terá um macho fundo à frente e outro

atrás: dará a ideia de saia-calção, mas sendo toda fechada.

O casaco continua a preferir a forma *redingote* com os dois botõeszinhos atrás, mas quando se trata de casaco para *tout-aller* faz-se, então, solto com gola chale, em pele, aproveitando um bom *tweed*.

Adoptará o feitiço alfaiate, na sobriedade da linha, e será guardado apenas com botões. Uma *écharpe* de cor viva, na cor do chapéu ou dos acessórios completará o conjunto, fazendo sobressair as bandas. O *robe-manteau* que parece ser as duas e não é nem uma nem outra, tem igualmente muitos adeptos. Género *sport* e fácil de vestir.

A saia será lisa, apenas com pregas em baixo facilitando o andar. O casaco curto terá um tom em harmonia com a saia. Duas algibeiras sobrepostas, de cada lado. Atrás, ou costas lisas, ou *martingale* ou macho batido. Alguns apresentam uma inovação: as algibeiras só de um lado.

Tudo isto, que é ligeiro, para de manhã e princípio de tarde, é de estilo desportivo, clássico. Admitem-se pequenos detalhes, novos, mas sempre dentro da sobriedade que é bom gosto.



Não é, de facto, elegante este modelo?

# Cidade laboriosa

VERÃO. Os últimos raios de sol espalhavam pela avenida uma luz mortiça. Um grupo de estudantes falava com entusiasmo acerca de exames, de ensino, de descobertas sensacionais. Eram momentos de luta agradável em que esclarecíamos as nossas opiniões.

Naquela tarde falava o Cardoso. Alto, muito pálido, assim o víamos a impôr-se pela clareza dos seus pensamentos. Era pobre. O pai trabalhava numa aldeia próxima. Tinha feito o curso à custa de sacrifícios. Agora, no primeiro ano de engenharia, a luta continuava. Habitua-se, desde criança, à vida de estudante pobre.

E foi assim que cresceu, independentemente.

Conhecia já alguma coisa da vida. Mas não tudo. A vida não podia ser só aquilo.

As explicações que dava mal lhe chegavam para as despesas indispensáveis. E quantas vezes enviava dinheiro para os pais.

Ultimamente, andava preocupado. Por uns conhecidos tinha recebido notícias da aldeia. Vivia-se mal. Os campos não davam. As colheitas eram fracas.

Viria a fome, mais uma vez, bater à porta de seus pais? E ele sem nada poder fazer.

Por volta das dez horas começou a dispersar-se o grupo.

Seria meia-noite quando sinto bater à porta. Dentro de momentos entrou o Cardoso, mais pálido, com um brilho intenso nos olhos, a agitar uma carta amarrotada.

«Olhe, olhe isto. Leia.

...«se poderes, manda-nos algum dinheiro para comprarmos broa...»

E quasi chorava, ao pegar na carta a repetir: «dinheiro para broa...»

De que lhe servia ser o melhor aluno da faculdade.

E o Cardoso, de espírito forte, que todos conhecíamos, começava a descreer d'ele próprio. Começava a insultar-se abalando os alicerces que tinha construído para a luta. Era o desespero. Sabia que, de momento, nada poderia fazer. Trabalhar mais?

E eu fiquei com a certeza que o Cardoso iria ganhar algum dinheiro mais para mandar para casa, que iria trabalhar muito, talvez demais...

Revi, então, como num sonho, a última vez que tinha ido a casa.

Chegado à estação, pelas oito



Amendoieiras em flôr

horas, sabia que ia assistir ao despertar da cidade.

Dobrada a curva da ladeira de S. Pedro, apresentou-se-me Silves, em toda a sua grandeza, cheia de graça nas linhas claras, a subir o monte, do rio ao Castelo e à Sé. Lá ao fundo, ao lado da estrada que vai para Messines, a Cruz de Portugal. Do outro lado, os jardins; mais além o Falacho, lindo pelo contraste entre os altos e murmurantes eucaliptos e a ribeira de águas claras, a cantar. Por toda a parte, a rodear a cidade, laranjais, junto ao rio que rasga a terra a espalhar vida e força. É esta uma região fértil, que mais se tornará, quando fôrem recomçadas e terminadas as obras da barragem.

Começava a chegar gente do campo, trabalhador para as fábricas. Homens, muitas mulheres e crianças. Silves acordava. Muitos grupos de rapazes, casacos por cima dos ombros, um assobio nos lábios, coticteiros de nascença, bons operários dentro em pouco. É bom haver trabalho — adivinhe-se nos rostos novos. As ruas animavam-se por momentos, para, caladas as sirenes das fábricas e recomçado mais um dia de trabalho, saírem de novo em prolongados silêncios.

O castelo a dominar a cidade, na sua cor vermelha que o sol tinge mais fortemente, espregia ao lado a Sé, de linhas finíssimas, construída da pedra ruiva.

Havia trabalho. Silves divertia-se porque trabalhava. Durante o dia não se viam grupos passeando pelas ruas — estavam nas fábricas.

Eu continuava distraído, misturando as exclamações do Cardoso com a mocidade que trabalha.

S. L.

## CASA QUEY

HOSIERY SPECIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18

## PINTOS, CALVINHO & C. O, L. DA

ESTABLISHED IN 1917

PORTUGUESE CORK MANUFACTURES & EXPORTERS  
CORKWOOD, CORKS & CORKSHAVINGS

TELEPHONE Nr. 29 — TELEGRAMS: PINTOS CALVINHO

SILVES (ALGARVE-PORTUGAL)

**ALDEMIRO**

**E. MIRA, L.<sup>DA</sup>**

FABRICANTE  
E EXPORTADOR

◆  
CORTIÇA EM PRANCHA,  
ROLHAS, QUADROS,  
REFUGOS E APARAS

◆  
TELEFONE N.º 18  
SILVES / ALGARVE  
(PORTUGAL)

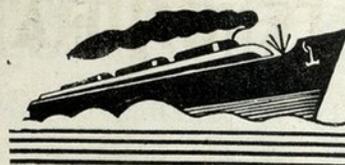
## A marcha sobre Roma

(Continuação da página 8)

Sabe-se como o heroísmo das forças desembarcadas, servido pela esquadra, correspondeu inteiramente à expectativa geral. Depois de alguns dias de combates encarniçados, a batalha de Salerno era uma grande vitória das armas aliadas. A junção do 5.º Exército americano com o 8.º Exército britânico veio criar uma frente de batalha continua. As características da luta modificaram-se radicalmente.

Depois da luta em Salerno, foi a luta pela posse de Nápoles uma das mais importantes cidades da Itália e um dos melhores portos italianos. A luta pela posse de Nápoles veio revelar exuberantemente quais são os sentimentos profundos da nação italiana. A população da cidade não hesitou em auxiliar as tropas embora conhecendo os riscos que esse auxílio implicava.

Finalmente, a luta no Volturno, como as de Salerno e de Nápoles, saldou-se por uma vitória das armas anglo-americanas às quais se abriu o caminho de Roma. A capital de Itália ficou à mercê dos exércitos vitoriosos que levam,



**Companhia  
Nacional de  
Navegação**

vapor **"SOFALA"**

SAIRÁ NOS PRIMEIROS DIAS DE NOVEMBRO PARA  
S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO E MOSSAMEDES  
RECEBENDO CARGA EM LISBOA E LEIXÕES

paquete **"QUANZA"**

SAIRÁ NOS PRIMEIROS DIAS DE NOVEMBRO PARA  
A COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL  
RECEBENDO CARGA E PASSAGEIROS

Em LISBOA: R. do Comércio, 79 e 85 - Telfs 23021 a 23026  
NO PORTO: Rua Infante D. Henrique, 73 - Telf. 1434

End. teleg.: JAD

Telefone n.º 4

**J. A. Duarte  
& C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**  
FABRICANTES / EXPORTADORES

RECORTES,  
ROLHAS  
E APARAS  
DE CORTIÇA

SILVES  
VENDAS-NOVAS

com a sua marcha constante, a todos os italianos a esperança de que a sorte do seu país será bem diferente daquela que lhe preparavam os homens que a mergulharam numa guerra para a qual não haviam preparado, nem os espíritos nem as armas.

## A POLÍCIA INGLÊSA

(Continuação da página 2)

vam à intensa circulação de veículos de guerra pelas cidades.

Por todos os lados podia ler-se:

«Se tem dúvida acerca do que deve fazer, dirija-se à Polícia».

E a frase tornou-se lugar-comum na Inglaterra. As responsabilidades da Polícia tinham, pois, sido extraordinariamente multiplicadas.

A Polícia britânica continua a fazer respeitar, com a mesma eficácia, as leis que os cidadãos da Gran-Bretanha, acatam. Em 1938, um ano antes da guerra, as estatísticas referiam-se apenas a 95.280 delitos. Pois no primeiro ano do conflito, o número baixou de 500 e, em 1940, de 1.000. Os casos de furto foram insignificantes, e, mesmo assim, o montante não ultrapassou cinco libras. Não foi nunca, pois, necessário recorrer a grandes castigos para punir quaisquer delitos.

## PICADORES, NÃO!

(Continuação da página 18)

pados, e porque se não podem pegar touros desembolados.

É os «diestros» espanhóis sempre se exibiram em Portugal com touros embolados, sendo recente a moda dos desembolados, necessariamente mais pequenos para que se não diga que os touros podem matar os homens onde os homens não matam os touros.

O que não se justifica, dentro da finalidade da tourada, é o espectáculo deplorável dos cavalos empurrados contra a trincheira, volteados, derrubados, com se vê nas edificantes fotografias que publicamos.

E, ainda que se oponha o argumento de que só picando assim os touros se pode julgar da sua bravura, a verdade é que a bravura tem sua relatividade.

A tourada portuguesa deve ficar compatível com a nossa índole, e sempre portuguesa, com os nossos cavaleiros, picadores no alto sentido da picaria, picadores de picadeiro.

Os outros picadores, que não sabem montar nem defender os cavalos, esses não!

«Zé Povinho»

# HOMENS NA ESTRADA

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

ERA já noite escura quando Francisco Fernando saltou do «expresso» no apeadeiro. Sentiu-se satisfeito. Não queria ser visto nem reconhecido. A passo rápido e com os olhos no chão, dirigiu-se para o empregado que estava na cancella, a receber os bilhetes. O comboio, após os dois breves minutos de paragem, retomou a sua marcha para a Barca de Alva. A estrada estava cheia de lama. Francisco Fernando tirou do bolso do sobretudo a lampada eléctrica e, lançando jactos de luz na sua frente, foi escolhendo o melhor trilho.

Caminhava inquieto, febrilmente. Durante a viagem, cinco longas horas naquele comboio ronco, viera triste, quebrado de energia, a um canto do compartimento. Fechando os olhos, fingindo que dormia, levava a maior parte do tempo a contas com o seu drama...

O drama de Francisco Fernando, com os aspectos graves que havia tomado, ameaçava atirá-lo para a cadeia. Na cidade, onde estava estabelecido, os seus negócios corriam de mal a pior. Poucas vendas, muitas dívidas, e, ainda por cima, uma péssima administração, de que ele era o único e verdadeiro culpado, tinham-no levado, numa hora negra, a falsificar a assinatura dum colega próspero, num cheque avultado. Pretendera, deste modo, salvar-se, pagar fornecimentos mais urgentes, na esperança de que nada viesse a descobrir-se. Pouco lhe durou semelhante ilusão, porém. Facilmente descoberto e apontado como falsificador, com a carreira comercial cortada, demorou-se quarenta e oito horas para devolver o dinheiro ao lesado. Em caso contrário, não atenderiam a coisa nenhuma e pô-lo-iam a ferros.

Francisco Fernando pensou no pai como única tábua de salvação. Caminhando, caminhando agora pela estrada lamacenta, imaginava como de-

veria comover o velho. Ele era seu amigo, muito seu amigo mesmo, bem o sabia. Devia-lhe bons conselhos, que tão mal havia seguido sempre, e abundantes auxílios, que levianamente tinha desperdiçado. Achava que devia ser sincero, sem subterfugios nem habilidades, cair-lhes aos pés o contar-lhe toda a dolorosa verdade. No fundo, custava-lhe muito ir sacrificá-lo de novo, mas reconhecia que não tinha mais ninguém a quem recorrer.

Teria, porém, o pai os trinta e dois contos de que ele precisava para pagar a falsificação? Confiava que sim. Lavrador relativamente abastado, o velho, além de económico, sabia como poucos tirar o melhor rendimento das suas propriedades. As suas coisas, porém, nos últimos tempos, não seguiam de modo muito fagueiro. Em carta dirigida ao filho, um mês antes, comunicara-lhe que a vindima tinha sido péssima. Além disso, lutava com despesas e contrariedades inesperadas. Tinha doenças em casas e compromissos grandes que não sabia como resolver. Francisco Fernando recordava essa carta, e, de si para consigo, avaliava quanto novo sofrimento não ia levar agora a sua casa! Mas não podia recuar, não podia voltar atrás. Ou pagava a falsificação ou era preso. O pai, mesmo à custa dos maiores sacrifícios, havia de ajudá-lo. Colocaria o seu futuro nas suas mãos, e estava disso antecipadamente certo, ele lhe salvaria. Não era a primeira vez, de resto, que assim procedia. Quando Francisco Fernando andava no liceu, e já cansado e envergonhado de «gatar» três vezes sucessivas no sexto ano, decidira deixar de estudar, para tomar novo rumo de vida, logo o velho se decidira a auxiliá-lo e a encaminhá-lo, também. Hipotecara a quinta das Covinhas, a me-

lhor, por sinal, das suas propriedades, e passara-lhe para as mãos uma centena de contos, para que se estabelecesse. «Um dia me pagarás — dissera-lhe. — Tu sabes bem que o que eu tenho não é só teu, mas também dos teus irmãos. Por isso logo que te seja possível, me irás pagando a pouco e pouco». Francisco Fernando lembrava esse dia com enternecida gratidão. Tinham-lhe vindo as lágrimas aos olhos, comovido com a generosidade paterna, e beijara-lhe as mãos.

Ansiava por chegar a casa. Atascava-se cada vez mais na lama da estrada. Levava os pés frios, mas a cabeça e o peito escaldavam-lhe de ansiedade. O pai havia de compreender a sua trágica situação, a que a sua laminação, havia de salvá-lo.

Na encruzilhada de Fornelos, ouviu vozes na embocadura da estrada da vila. Apagou imediatamente a lampada. Não queria que o reconhecessem. Seguiu o seu caminho, agora com mais dificuldade, por cousa da escuridão. As vozes foram-se aproximando. Eram dois homens que vinham falando, Francisco Fernando, notando que os desconhecidos seguiam o mesmo destino, afastou-se para o lado.

Açerta altura, porém, Francisco Fernando estremeceu. Teria ouvido bem? Uma das vozes parecia-lhe a do pai.

Prestou melhor atenção. Era na verdade o pai, o seu querido pai, que ali vinha a falar com outro homem. No primeiro impulso, Francisco quis dar-se imediatamente a conhecer e correr a abraçar o autor dos seus dias. Reprimiu, porém, a tentação inicial, e, curioso, deu ovidos ao que diziam. Francisco Fernando compreendeu, facilmente, que ambos vinham da vila e que o outro, que ele não conseguia identificar, procurava consolar o seu pai. Que teria sucedido? O pai, agora, lastimava a perda da quinta das Covinhas. O outro, numa voz arrastada, monotona, de certo sem muita convicção, aconselhava: «Mas escreva ao seu filho Francisco. Ele está estabelecido, não está? Há-de poder ajudá-lo. Talvez lhe mande o dinheiro para poder salvar a quinta da hipoteca...» Francisco Fernando compreendeu, facilmente, que aludiam à quinta que o pai havia hipotecado. Certamente, o prazo tinha expirado, e, agora, o capitalista, exigia de seu pai o dinheiro ou a propriedade. Esta conclu-



Ansiava por chegar a casa...

são, que assentava a-final na real verdade, deixou-o esmagado de sofrimento. Por um instante, esqueceu o seu infortunio para lastimar somente o amargo desgosto por que o pai estava passando. E, uma vez mais, foi tentado pelo desejo de denunciar a sua presença e pedir perdão ao velho de tudo, de tudo... Entretanto, o pai, após um minuto de silêncio, respondeu ao seu interlocutor: «Não, não farei isso. O meu Chico, lá na cidade, não tem disponibilidade. Estou informado, até, que os seus negócios não lhe correm bem. Enfim, seja o que Deus quiser. Amanhã, escreverei ao capitalista a dizer-lhe que pode tomar conta, imediatamente, da quinta das Covinhas».

Francisco Fernando não ouviu nada mais. Amarfanho de angustia, estacou, os olhos rasos de lágrimas, enquanto o pai e o outro homem se foram afastando na sua dianteira. Ele é que não podia ir mais longe. Não queria sacrificar mais o pai. Voltou costas e, a passo incerto, tomou, na noite escura, a direcção do apeadeiro. Pela madrugada, sabia-o perfeitamente, passava um comboio para a cidade. A sua triste sorte estava, enfim, traçada... Não lhe podia fugir.

Revelação de Rolos, Cópias e Ampliações

Garcez, Lda

Chiado

Lisboa

**"PRONTO"**  
Sempre presente  
EM TODA A  
COMPETIÇÃO DESPORTIVA

**PRONTO WATCH Co.**  
Le Noirmont - Suisse

# B.B.C.

A VOZ DE LONDRES  
FALA E O MUNDO  
ACREDITA

EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

08.45 - 09.00	Noticiário	48.43 m.	6.196 mc/º
		41.96 m.	7.15 mc/º
		31.41 m.	9.55 mc/º
13.16 - 13.46	Noticiário e	41.96 m.	7.15 mc/º
		31.41 m.	9.55 mc/º
	Actualidades	25.47 m.	11.78 mc/º
		19.76 m.	15.18 mc/º
18.45 - 19.00	A Voz da América	48.43 m.	6.196 mc/º
		41.96 m.	7.15 mc/º
	Noticiário	31.41 m.	9.55 mc/º
		25.09 m.	11.956 mc/º
19.00 - 19.15	Noticiário	48.43 m.	6.196 mc/º
		41.96 m.	7.15 mc/º
	Actualidades	31.75 m.	9.455 mc/º
		31.41 m.	9.55 mc/º
21.16 - 21.46	Noticiário e	48.43 m.	6.196 mc/º
		41.96 m.	7.15 mc/º
	Actualidades	31.75 m.	9.455 mc/º
		31.41 m.	9.55 mc/º
		25.09 m.	11.956 mc/º



# MUNDO GRÁFICO



A Itália  
jovem  
saúda  
no exército  
anglo-americano  
a redenção  
da sua  
pátria